

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO COMO MEDIADOR ENTRE DEUS E O HOMEM

Maria Rita A. dos Santos Queiróz

Universidade Federal de Campina Grande

mariaritaletra@hotmail.com

Resumo: Ao longo dos tempos, os homens veem nas religiões uma forma de expressar suas relações com Deus. Para isso faz-se necessário aumentar o número de adeptos com fim de identificar o contato com o divino, o que se dar através da divulgação dessa crença por diversos meios. O discurso religioso se configura como um dos meios de expandir essa crença. Com base nesse pressuposto levanta-se a seguinte problemática: De que forma este discurso se apresenta como uma prática discursivo - social marcado por mediações, promessas e ameaças? É a luz da análise do discurso que guiamos a análise do objeto de estudo: O discurso religioso. Neste trabalho visamos discutir a representação do sujeito com mediador entre Deus e o homem. Para fundamentar nosso estudo, tomaremos como embasamento teórico as contribuições Orlandi (1987), Pêcheur (1988), Castro (1987) e Dantas (2007). O corpus é constituído por folhetos distribuído pela Igreja Universal do reino de Deus, nascida no Brasil em 1977 e hoje presente em mais de 80 países. Como procedimento metodológico abordam-se inicialmente as características do discurso religioso. Em seguida serão discutidas algumas questões referentes ao sujeito, como: evidências do sujeito, interdiscurso, tipologia discursiva.

Palavras-chave: Discurso religioso; representação; marcas.

Introdução

Orladi (2003) ao definir o discurso religioso declara que esse discurso é perpassado por diversas vozes tais como: a de Deus, a do padre, a do pregador ou de qualquer outro emissário é tido como a voz do próprio Deus. A autora estende a acepção do discurso religioso como sendo a territorialização da espiritualidade do homem, e é desse lugar que ele estabelece e propaga sua religião, a qual pode abranger diferentes funções que vai desde a negação da vontade de viver a superação da condição humana. Tal definição encaminha para apresentar o sujeito do discurso religioso, objeto de nosso estudo, como membro porta voz da Igreja Universal do Reino de Deus que se coloca como intercessor entre o sujeito maior Deus e os demais sujeitos interpelados.

A nossa discussão parte da problemática de que o discurso proferido pelos membros da Igreja Universal do Reino de Deus, de agora em diante chamada de IURD, guarda na sua instância, uma prática discursivo - social caracterizado por mediações, promessas e ameaças. A análise é guiada pelos pressupostos da análise do discurso que considera a materialidade histórica, a ideologia e a política do significar como elementos fundantes para reflexão sobre a linguagem. Neste trabalho buscamos compreender os processos discursivos utilizados pelo indivíduo para se

constituir como sujeito mediador entre Deus e o homem. O estudo se justifica não pela necessidade de julgamento de crenças ou postura religiosa, mas de levantar características próprias do discurso tão simbólico como é o discurso supracitado.

Tomaremos como aportes teóricos as contribuições Orlandi (1987), Pêcheur (1988), Castro (1987) e Dantas (2007). O corpus é formado por folhetos distribuído pela IURD. A metodologia adotada contempla, num primeiro momento, algumas características do discurso religioso, partindo em seguida para apresentação e definição de questões referentes ao sujeito, e por fim a análise propriamente dita .

Discurso religioso: marcas que o determina

O discurso religioso, na sua instância é, segundo Castro (1987), marcado por mediação, ameaças e promessas. Assim, é de grande relevância aprendermos algumas características desse discurso tão plural. Uma das primeiras características, segundo a mesma autora, diz respeito à dissimulação de sua relação com o momento histórico como possibilidade de constituir-se. Segundo a autora (op.cit.: 30), “essa dissimulação se dá através de seu estilo e forma específica, como também pelo seu conteúdo messiânico”. Para a análise do discurso e para a antropologia, a compreensão dessa forma e conteúdo se daria pela percepção como forma em processo.

Nisso, faz-se necessária a compreensão do “depassent” profético, objetivando, segundo Castro:

Pensar esta diluição dos limites espaciais e temporais e, ao mesmo tempo, esta geração de uma temporalidade consubstanciadora tanto de um certo profetismo bíblico, datado e localizado, quanto de outro, atual, cuja prática assenta-se sobre os mesmos textos (CASTRO,1987,p.30).

Percebe-se que, por meio da apreensão dos limites espaciais temporais, uma profecia pode ter outro comprimento daquela que foi anunciada, possibilitando a oscilação entre os discursos. Na visão dessa mesma autora, o plano temporal e espiritual marca o discurso religioso, e é só no plano espiritual que está o processo de significação. Segundo Dias (apud Orlandi, 1987:46), ao tratar do mesmo assunto, ressalta que o movimento da fala eclesial pode ser representado por um pêndulo que oscila entre os dois tempos e os dois espaços. O tempo, na sua ótica, está para o eterno e o instante, enquanto o espaço está para o espiritual e o temporal. A intertextualidade também é apresentada como uma marca do discurso religioso no que tange à simetria do plano espiritual e do

temporal, a recorrência ao intertexto dá mais autoridade à fala do locutor que ganha mais aprovação e, por meio da apropriação dos recursos linguísticos, ele exerce seus objetivos.

O discurso religioso, portanto, tende a fazer uma mistura entre os gêneros textuais, apresentando-os como uma prática discursivo-social. Outra característica relevante para compreendermos o discurso religioso é a argumentação; através dela, procura-se convencer o indivíduo de que aquilo que se diz tem sustentabilidade. Caracterizam esse discurso uma oratória bem trabalhada e uma diversificação dos recursos utilizados para transmitir a mensagem evangélica. A relação do fato passado com o atual é outra marca do discurso religioso. Segundo Mattos (apud Orlandi, 1987:30), o universo desse discurso deve abraçar todos, a todo o momento, e todos são chamados a contribuir para o projeto de Deus.

Nosso objetivo aqui é abordar representação do sujeito como mediador entre Deus e o homem, assim já conhecedores das marcas do discurso religioso, faz-se necessário também envolver algumas questões referentes ao sujeito, como:

- Evidências do sujeito;
- Interdiscurso;
- Tipologia discursiva.

A concepção de língua será essencial para compreendermos a concepção de sujeito da linguagem. De acordo com Koch (2002:12), “a concepção de língua como representação do pensamento corresponde à de um sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. Por outro lado, a autora afirma que “à concepção de língua como estrutura corresponde à de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciência” (op. Cit. 14). Pêcheux (1983), ao tratar dessa questão, vai considerar três fases da AD. Na primeira fase, o sujeito se determina pela sua posição, pelo lugar de onde falaria. Esse sujeito seria uma espécie de escravo, pois é perpassado pela formação discursiva e ideológica e imagina que o discurso seja dele, quando na verdade é seu mero porta voz. Na segunda fase, há uma redefinição da FD, o que traz à tona a questão do interdiscurso. Dantas (2007) retomando as colocações de Pêcheux (1988), declara:

A fala de todo e qualquer sujeito é perpassado por dizeres de outro lugar e outros sujeitos. Este conjunto de outros discursos que determinam os dizeres do sujeito é conhecido como interdiscurso e não deve ser confundido com intertextualidade (DANTAS, 2007, p.73).

A noção de interdiscurso é incorporada à noção de formações discursivas. As FDS, segundo Orlandi, são formações componentes das formações ideológicas, são elas que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma conjuntura dada. A ideologia é vista não como dissimulação, mas como interpretação de sentido, está relacionada ao excesso, é, portanto, preenchimento, a completude que produz efeito de evidência. Ainda sobre essa noção, Dantas (2007) diz que não é um termo fácil de compreender, pois ela pode adquirir inúmeros significados, possui amplo sentido. Ela interpela o indivíduo em sujeito, embora ele faça parte da produção de sentido é descentrado, não é fonte responsável do sentido que produz e nem o sentido lhe é apresentado como transparente. Logo são apresentados dois tipos de evidências ou esquecimento. O primeiro diz respeito à ilusão de unidade e de que ele é a parte da linguagem, que detém a originalidade e criatividade. O segundo esquecimento está relacionado à transparência, pois o sujeito acredita que a linguagem é transparente e o que ele diz é aquilo mesmo. O indivíduo nessa fase tem a ilusão de ser a origem do sentido do discurso e a partir da ilusão de subjetividade, tem a necessidade de manter sua identidade.

Na terceira fase, denominada por Pêcheux de AD3, há uma alteridade na identidade discursiva, ocorre uma inserção no outro no discurso.

Um conceito mais denso define a terceira fase como:

Finalmente, à concepção de língua como lugar de interação correspondente à noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re) produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação da qual se acham engajadas, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderá existir (KOCH, 2002, p. 15).

O funcionamento discursivo foi classificado por Orlandi (1988) a partir da relação entre os sujeitos, relação com os sentidos e as relações como os referentes discursivos. Essa tipologia tem como critérios a interação, ou seja, a reversibilidade, a troca de papéis entre os interlocutores, a relação, entre polissemia e paráfrase que se refere à possibilidade ou não de múltiplos sentidos e o critério da presença ou ausência do objeto contextual do discurso. Logo, os discursos se apresentam sobre três óticas. O discurso autoritário é aquele que procura conter a reversibilidade, tendendo para a paráfrase procurando estabelecer o sentido único. O discurso polêmico é marcado pelo equilíbrio entre a polissemia e a paráfrase e a reversibilidade é disputada pelos interlocutores. Nesse discurso, há possibilidade de ocorrer vários sentidos. No discurso lúdico, a polissemia é aberta, ocorre uma

maior reversibilidade entre os interlocutores. No discurso religioso, objeto de nosso estudo, há, portanto, a ilusão de reversibilidade, o que vai caracterizá-lo como um discurso autoritário, tendendo para a paráfrase, o mesmo.

Por fim, é relevante frisar que o discurso religioso tende para o fanatismo, que como tema plural, na visão do Oro (2003:19), abrange desde o indivíduo inspirado e iluminado ao indivíduo intolerante e sectário. Ele pode estar presente em diversos domínios, mas é no discurso religioso que é utilizado com mais frequência, estando presente no seio das grandes religiões. Segundo o mesmo autor, nessas religiões, os indivíduos são extremamente dedicados, defendendo os fundamentos religiosos e assumindo-os como tal.

Representação do sujeito: análise do folheto

Passemos agora à análise do folheto, partindo da caracterização do discurso religioso levando em conta a representação do sujeito como mediador entre Deus e o homem.

A Igreja Universal foi fundada em 1977, pelo Bispo Edir Macedo, e a cada ano cresce seu número de adeptos, os quais buscam cura e prosperidade. Os folhetos distribuídos pelos membros é um dos meios de divulgação dessa congregação.

O folheto analisado tem três partes: na frente traz o título “Pare de sofrer!”, em seguida são elencados os problemas vivenciados pelos indivíduos com o objetivo de mostrar que, através de Deus e pelo intermédio da igreja, esses problemas serão solucionados. No corpo do folheto, são citados seis benefícios para aqueles que buscam a igreja, todos fazendo menção aos textos bíblicos. No verso se encontra mais um benefício e o endereço da igreja. Partindo do plano temporal, observa-se que o sujeito locutor apresenta a igreja como solução para resolver problemas como: desemprego, processo na justiça, problemas com agiotas. O plano espiritual é destinado à prosperidade, grandeza onde não há miséria. Segundo Dias (1987), nesse plano ocorre uma articulação entre o religioso e o político, fato que pode ser visto na primeira proposta intitulada “Corrente da prosperidade” e que é retomada na sexta proposta intitulada “Corrente da grandeza de Deus”. Essa articulação entre o religioso e o político leva-nos à noção de interdiscurso e a outros dizeres da fala do sujeito. O discurso político, que é camuflado no discurso da prosperidade, está presente em todas as práticas dessa igreja. O discurso religioso retoma o discurso da prosperidade

pela contradição, como afirma Dantas “não há uma temática específica em que esse interdiscurso apareça já que todo e qualquer discurso é contraditório” (DANTAS, 2007, p.75).

No discurso religioso ocorre a presença de dicotomias, no folheto analisado se instaura a dicotomia dos espaços terra\céu\inferno\paraíso. Com relação ao instante e ao eterno, termos utilizados por Dias, a IURD vive no instante e se reproduz por meio dele, a tarefa do instante é adquirir mais adeptos com o intuito de fazê-los prosperar e permanecerem na igreja, o que ocasionará o equilíbrio entre o eterno e o sagrado.

Através dos textos bíblicos, o sujeito locutor tenta persuadir o destinatário “você que tem problemas”, e essa persuasão se dá de forma geral, pois todos têm problemas, todos passam por dificuldades. A mensagem não se destina a um indivíduo apenas. Logo, podemos observar que nesse discurso o sujeito usa de argumentação tentando convencer e persuadir, objetivando dar sustentabilidade a seu discurso. O recurso ao intertexto é fortemente utilizado, ao citar as propostas, o sujeito locutor faz uma intertextualidade com a bíblia, para cada item tem uma citação bíblica específica. Através dos recursos linguísticos como: “Buscai o Senhor e o seu poder...” e “Eu vim para que todos tenham vida...,” o locutor ganha maior aprovação e exerce a função de convencer e aproximar os indivíduos a Deus.

O sujeito na tentativa de convencer o destinatário vai ainda mais longe, ele delimita o espaço datando e localizando, pois do primeiro dia da semana ao último, o destinatário alcançará graças, por isso deixa o endereço da igreja no verso do folheto.

Como foi exposto acima, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito trazendo à tona duas evidências: a unicidade e a transparência. Na primeira, o indivíduo tem a ilusão de ser fonte de sua linguagem e na segunda acredita fielmente que sua linguagem é transparente. O sujeito presente num discurso religioso se constitui como tal, como dono daquilo que diz e se coloca como mediador entre Deus e o homem. A IURD curará desde os problemas físicos a problemas psicológicos e garantirá prosperidade. Há nesse discurso, portanto, a ilusão da reversibilidade, o sujeito locutor convoca, mostra os benefícios, mas o destinatário ao se conduzir à igreja tem que se submeter a severas regras, pois se constituem, nessa congregação, formas de convencer os indivíduos a seguirem um comportamento estabelecido por ela. Portanto, o sujeito atravessando por sua ideologia, convida, mas não deixa que o indivíduo se posicione, logo o discurso se constitui de

forma autoritária e por um único sentido, conseqüentemente apenas a igreja proporcionará os benefícios anunciados.

O fanatismo é uma prática constante nessa igreja, e o sujeito desse discurso assume uma formação discursiva fanática, pois aquilo que o médico, o psicólogo não resolver, a IURD resolverá através do nome de Deus. O sujeito preso pelo conteúdo e pela ideologia acredita e se submete a sua crença e procura criar mecanismos imaginários para envolver outros indivíduos. Através desse folheto, o sujeito constrói a história e se constitui como sujeito autorizado pela IURD. Constitui-se como sujeito interpelado por um sujeito maior, absoluto, Deus.

Considerações finais

A discussão, à qual nos propomos, no início do nosso trabalho, permitiu observar que de fato o indivíduo perpassado por sua ideologia se posiciona como dono do discurso o qual profere e convoca outros sujeitos para abraçar sua fé, porém o que está por trás é a prosperidade da igreja “Teologia da Prosperidade”, pois com essa prática a IURD recebe todos os anos um número significativo de fiéis, os quais se submetem a qualquer tipo de persuasão, com a pretensão de revolver problemas amorosos, financeiros, físicos e psicológicos. Com isso, percebe-se que essa religião prioriza em primeiro lugar a prosperidade, e o respeito ao sagrado fica em segundo plano. A fé em Deus é valorizada apenas como um meio de obter sucesso.

Por fim, vale salientar que o discurso proferido pelos membros da IURD se constitui essencialmente como discurso das ameaças, promessas e mediações reforçando o individualismo, a submissão e a crença no êxito pessoal.

Referências

CASTRO, Selma. **O discurso profético: ressacralização do espaço social**. In ORLANDI, Eni. Palavra, fé, poder. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-41.

DANTAS, Aloísio M. **Sobressaltos do discurso: algumas aproximações de análise do discurso**. Campina Grande: Edufcg, 2007, p. 137.

DIAS, Romualdo. **De Deus ao seu povo (análise de uma carta pastoral da arquidiocese de Vitória – ES)**. In ORLANDI, Eni, palavra, fé, poder. Campinas: Pontes, 1987, p. 43-51.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MATTOS, Maria Augusta de. **A fala dos santinhos: pedido, conversão e evangelização**. In Palavra, fé, poder. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. 3. reimpr. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Linguagem e método: uma questão de análise do discurso**. In Discurso e leitura. São Paulo: Cortez; Campinas: Edunicamp, 1988.

_____. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987, p.65-78.

ORO, Ari Pedro. **O fanatismo presente em todas as religiões**. Mundo jovem. Porto Alegre, n 338, julho 2003, p. 19.